

**MATÉRIA
ESCURA
BLAKE CROUCH**

Tradução de Alexandre Raposo

INTRÍNSECA

Copyright © 2016 by Blake Crouch

Agradecimento especial pelo uso de “Burnt Norton”, de T. S. Eliot. Tradução livre.
Trecho de Mark Twain retirado de *O estranho misterioso*, editora Axis Mvndi,
São Paulo, 1999, tradução de Merle Scoss.

TÍTULO ORIGINAL

Dark Matter

PREPARAÇÃO

Natalia Klussmann

REVISÃO

Taís Monteiro

Cristiane Pacanowski

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA

Chris Brand

ADAPTAÇÃO DE CAPA

ô de casa

Imagem do verso de capa © agsandrew/Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C958m

Crouch, Blake, 1978-

Matéria escura / Blake Crouch ; tradução Alexandre Raposo. - 1. ed. -

Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

352 p. ; 23 cm.

Tradução de: Dark Matter

ISBN 978-85-5100-122-6

1. Ficção americana. 2. Ficção científica americana. I. Raposo, Alexandre.
II. Título.

16-37953

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para todos aqueles que já se perguntaram como teria sido sua vida se tivessem pegado a outra estrada.

O que poderia ter sido e o que foi
Apontam para um único fim, sempre presente.
Passos ecoam na memória
Pelo caminho não escolhido
Rumo à porta que nunca abrimos.

— T. S. Eliot, “Burnt Norton”

IIM IIM UM

Adoro as noites de quinta-feira.

Parecem suspensas no tempo.

É uma tradição nossa, só nós três: a noite em família.

Meu filho, Charlie, está sentado à mesa desenhando num bloco grande. O garoto tem quase quinze anos. Cresceu cinco centímetros nos últimos meses e agora está da minha altura.

Paro de cortar a cebola por um momento e me viro para ele.

— Posso ver?

Charlie ergue o bloco de desenho e me mostra uma cadeia de montanhas que parece a paisagem de outro planeta.

— Adorei — digo. — Fez só por fazer?

— Trabalho da escola. Para amanhã.

— Então continue, seu atrasadinho.

Aqui neste momento, feliz e ligeiramente embriagado em minha cozinha, nem imagino que hoje à noite tudo isso acabará. Será o fim de tudo que conheço, tudo que amo.

Não há avisos quando tudo está prestes a mudar, a ser tomado de você. Nenhum alerta de proximidade, nenhuma placa indicando a beira do precipício. E talvez seja isso o que torna a tragédia tão trágica. Não é apenas o que acontece, mas *como* acontece: um soco que vem do nada, quando você menos espera. Não dá tempo de se esquivar ou se proteger.

Os spots de luz brilham na superfície do vinho e a cebola está começando a fazer meus olhos arderem. Na sala, um disco de Thelonious Monk gira

na vitrola. O som das gravações analógicas é de uma riqueza que nunca me cansa, em especial o crepitar da estática entre uma faixa e outra. Pilhas e mais pilhas de vinis raros enchem a sala. Vivo prometendo a mim mesmo que algum dia vou tirar um tempinho para organizar tudo.

Minha esposa, Daniela, está sentada ao balcão da cozinha, girando a taça de vinho quase vazia numa das mãos e mexendo no celular com a outra. Ela sente meu olhar e sorri, sem tirar os olhos da tela.

— Eu sei, estou violando o princípio fundamental da noite em família.

— O que tem aí de tão importante? — pergunto.

Daniela ergue seus olhos escuros de espanhola.

— Nada.

Vou até ela, pego calmamente o celular de sua mão e o coloco na bancada.

— Você podia fazer o macarrão — digo.

— Prefiro ver você cozinhar.

— Ah, é? — Depois, mais baixo: — Fica excitada?

— Não. É que é mais divertido ficar só bebendo, sem fazer nada.

Sinto seu hálito adocicado pelo vinho, e ela abre aquele seu sorriso arquetonicamente impossível, que ainda me deixa louco.

Termino minha taça.

— Mais uma garrafa?

— Acho que é nosso dever.

Enquanto manipulo o saca-rolhas, ela volta a pegar o celular para me mostrar a tela.

— Estava lendo uma crítica da *Chicago Magazine* sobre a exposição de Marsha Altman.

— Foram bonzinhos com ela?

— Aham. Quase uma carta de amor.

— Que bom para ela.

— Sempre achei que...

Ela não termina a frase, mas nem precisa. Quinze anos atrás, antes de nos conhecermos, Daniela era uma promessa no cenário artístico de Chicago. Tinha um estúdio em Bucktown, já exibira seus trabalhos em uma meia dúzia de galerias e acabara de conseguir sua primeira exposição individual em Nova York. Então veio a vida. Eu. Charlie. Uma incapacitante depressão pós-parto.

Descarrilamento.

Hoje, ela dá aulas particulares de arte para alunos do fundamental.

— Não é que eu não fique feliz por ela. Marsha é brilhante, ela merece.

— Caso sirva de consolo, esses dias mesmo Ryan Holder ganhou o Pavia — comentário.

— O que é isso?

— Um prêmio multidisciplinar, concedido por realizações nas ciências físicas e naturais. No caso de Ryan, foi por um trabalho em neurociência.

— E ganha uma bolada?

— Um milhão de dólares. Honrarias. Financiamentos de pesquisas.

— Assistentes gostosas?

— Esse é o maior prêmio, claro. — Então, acrescento: — Ryan me chamou para uma comemoração informal hoje, mas eu nem vou.

— Por quê?

— Porque hoje é a nossa noite.

— Devia ir.

— Prefiro ficar aqui, de verdade.

Daniela ergue a taça vazia.

— Então você está me dizendo que hoje nós dois temos bons motivos para beber muito.

Dou um beijo nela e encho sua taça com o vinho que acabei de abrir.

— Você podia ter ganhado esse prêmio — diz Daniela.

— Você podia ser o maior nome no cenário artístico desta cidade.

— Mas fizemos isto. — Ela indica o amplo espaço em volta, referindo-se à nossa casa de pé-direito alto. Comprada com o dinheiro da herança que ganhei numa época pré-Daniela. — E aquilo — acrescenta, apontando para Charlie.

Ele desenha com uma intensidade tão linda que lembra a mãe quando está concentrada em alguma pintura.

É estranho ter um filho adolescente. Uma coisa é criar um menininho, e outra, completamente diferente, é uma pessoa quase adulta esperar que você a ensine a viver. Sinto que tenho pouco a oferecer. Sei que alguns pais enxergam o mundo com clareza e confiança, que sabem exatamente o que dizer aos filhos, mas não sou um deles. Quanto mais envelheço, menos entendo as coisas. Amo meu filho. Charlie é tudo para mim. No entanto, não consigo fugir

à sensação de que estou em falta com ele. Lançando-o aos lobos sem nenhum recurso além das migalhas de minha perspectiva incerta.

Abro o armário ao lado da pia e começo a procurar um pacote de fettuccine.

— Seu pai podia ter ganhado o Nobel — diz Daniela a Charlie.

Dou uma risada.

— Isso é um exagero.

— Não deixe que ele engane você, Charlie. Seu pai é um gênio.

— São seus olhos — respondo. — E o vinho.

— É verdade, você sabe que é. A ciência não avança mais por sua culpa, porque você ama sua família.

Só me resta sorrir. Quando Daniela bebe, três coisas acontecem: seu sotaque original aflora, ela se torna agressivamente gentil e tudo que fala tende à hipérbole.

— Seu pai me disse uma vez... nunca vou esquecer... que a pesquisa científica consome a vida de uma pessoa. Ele disse...

Por um instante, para minha surpresa, a emoção toma conta de Daniela. Seus olhos ficam marejados e ela balança a cabeça rapidamente, como sempre faz quando sente que está prestes a chorar. No último segundo, ela contém as lágrimas.

— Ele me disse: “No meu leito de morte, quero me lembrar de vocês, não de um laboratório frio e asséptico.”

Olho para Charlie e o flagro fazendo uma careta enquanto desenha.

Provavelmente constrangido com nossa excessiva demonstração sentimental.

Fico olhando para o interior do armário enquanto espero o nó na garganta desatar.

Quando passa, pego o macarrão e fecho o armário.

Daniela toma o vinho.

Charlie desenha.

O momento passa.

— Onde é a festa do Ryan? — pergunta Daniela.

— No Village Tap.

— É o seu bar preferido, Jason.

— E daí?

Ela se aproxima e pega o pacote de macarrão da minha mão.

— Vá tomar um drinque com seu velho amigo de faculdade. Diga que está orgulhoso dele. Cabeça erguida. E dê os parabéns por mim.

— Não vou dar seus parabéns.

— Por que não?

— Porque ele tem uma queda por você.

— Para com isso.

— É sério. Há um tempão. Desde a faculdade. Não se lembra da última festa que demos no alojamento? Quando ele ficou tentando beijar você?

Ela apenas ri.

— O jantar vai estar na mesa quando você voltar — diz.

— Ou seja, tenho que voltar em...

— Quarenta e cinco minutos.

— O que seria de mim sem você?

Ela me dá um beijo.

— Não vamos pensar nisso.

Pego minhas chaves e a carteira no prato de cerâmica que fica ao lado do micro-ondas e vou até a sala. Meus olhos passam brevemente pela luminária de hipercubo acima da mesa de jantar, um presente de Daniela quando completamos dez anos de casados. O melhor que já ganhei.

Quando chego à porta, ela grita:

— Traz sorvete!

— De flocos! — acrescenta Charlie.

Faço sinal de positivo com o polegar.

Não olho para trás.

Não me despeço.

E o momento passa despercebido.

O fim de tudo que conheço, tudo que amo.

Moro no bairro de Logan Square há vinte anos e não existe nada melhor que a primeira semana de outubro, que sempre me lembra aquela frase de Scott Fitzgerald: *A vida recomeça quando tudo fica fresco no outono.*

A noite está fria, e vejo um punhado de estrelas no céu limpo. Os bares estão mais agitados que de costume, cheios de torcedores do Cubs decepcionados com o resultado.

Paro na calçada sob o brilho espalhafatoso do letreiro piscante que anuncia VILLAGE TAP e olho pela porta aberta do típico bar de esquina de Chicago, presente em qualquer bairro que se preze. E este, por acaso, é o meu bar de esquina. É o mais próximo da minha casa; apenas alguns quarteirões.

Passo sob o brilho azul do letreiro neon ao entrar.

Matt, o barman e proprietário, me cumprimenta com um aceno de cabeça enquanto abro caminho entre o monte de gente em volta de Ryan Holder.

— Acabei de contar a Daniela — digo a ele.

Ryan sorri, arrumado com esmero para seu circuito de palestras: em forma e bronzeado numa camisa preta de gola rulê, os pelos faciais aparados primorosamente.

— Minha nossa, como é bom ver você! Fico honrado por ter vindo. Querida — ele toca o ombro nu da jovem sentada na banquetta ao seu lado —, se importa de emprestar seu lugar por um minuto para um velho amigo?

A mulher se levanta prontamente. Assumo o lugar dela ao lado de Ryan.

Ele chama o barman.

— Vamos querer duas doses da sua garrafa mais cara.

— Não precisa disso, Ryan.

Ele aperta meu braço.

— Hoje vamos beber o que há de melhor.

Matt se aproxima.

— Tenho um Macallan vinte e cinco anos.

— Duplos. Na minha conta.

Quando o barman se afasta, Ryan me dá um soco no braço. Dos fortes. À primeira vista, ele não faz muito o tipo cientista. Era jogador de lacrosse na época da faculdade e conserva os ombros largos e a facilidade de movimentos de um atleta nato.

— Como vão Charlie e a encantadora Daniela?

— Estão ótimos.

— Por que não a trouxe? Não vejo Daniela desde o Natal.

— Ela mandou parabéns.

— Você tem uma esposa incrível. Mas isso não é bem uma novidade.

— Quais são as chances de você se casar num futuro próximo?

— Poucas. Acho que a vida de solteiro me cai bem, com suas consideráveis vantagens. Você continua na Lakemont College?

— Aham.

— É uma boa universidade. Graduação, não é isso?

— Exato.

— Então você leciona...

— Física quântica. O básico. Nada muito sensacional.

Matt volta trazendo nosso pedido. Ryan pega os copos das mãos dele e coloca o meu na minha frente.

— E essa festa...? — pergunto.

— Foram uns alunos meus da pós que vieram com essa ideia. O que eles querem é me deixar bêbado e me ver fazendo discurso.

— Está tendo um ótimo ano, hein? E pensar que você quase foi reprovado em equações diferenciais.

— E você salvou minha pele. Mais de uma vez.

Por um segundo eu vejo, por trás da pose confiante de Ryan, o garoto bobo que só queria saber de se divertir e que por um ano e meio dividiu comigo um quarto nojento no alojamento da faculdade.

— Esse prêmio foi pelo seu trabalho em...?

— Identificação do córtex pré-frontal como gerador de consciência.

— Ah, sim. Claro. Eu li seu artigo.

— E o que achou?

— Fascinante.

Ele parece genuinamente satisfeito com o elogio.

— Para ser sincero, Jason, sem falsa modéstia, sempre achei que seria você quem publicaria ensaios canônicos.

— Sério?

Ele me olha por sobre a armação de plástico preto dos óculos.

— Claro. Você é mais inteligente que eu. Todo mundo sempre soube disso.

Tomo um gole do uísque. Tenho que me conter para não comentar como é delicioso.

— Só uma pergunta — continua Ryan. — Hoje em dia, você se vê mais como pesquisador ou como professor?

— Eu...

— Porque eu me vejo, antes de tudo, como um homem em busca de respostas para perguntas fundamentais. Se as pessoas à minha volta — ele faz um gesto indicando os alunos que começam a se aproximar — conseguirem absorver meu conhecimento por mera proximidade, ótimo. Mas a transmissão do conhecimento, por assim dizer, não me interessa. Só o que me importa é a ciência. A pesquisa científica.

Detecto uma faísca de aborrecimento na voz dele, talvez raiva, e está aumentando, como se ele estivesse se irritando com alguma coisa.

Tento quebrar a tensão forçando o humor.

— Está chateado comigo, Ryan? Parece até que você acha que o decepcionei.

— Olha, eu dei aula no MIT, em Harvard, na Johns Hopkins, nas melhores universidades do planeta. Conheci os filhos da puta mais inteligentes por aí, e, Jason, você teria mudado o mundo se tivesse optado por esse caminho. Se tivesse ido em frente. Mas não: está ensinando física elementar para futuros médicos e advogados de patentes.

— Nem todos podem ser grandes estrelas como você, Ryan.

— Claro, sempre há os que desistem.

Termino meu uísque.

— Que bom que eu vim até aqui para isso.

Desço da banquetta.

— Deixa disso, Jason. Eu estava fazendo um elogio.

— Estou orgulhoso de você, cara. De verdade.

— Jason...

— Obrigado pela bebida.

Saio do bar e sigo pela calçada. Quanto mais me distancio de Ryan, maior é minha raiva.

Raiva de quem? Nem sei direito.

Sinto meu rosto quente.

Fios de suor descem pelo meu corpo.

Sem pensar, saio da calçada para cruzar a faixa de pedestres. Na mesma hora vem o ruído de pneus travando, de borracha arranhando o asfalto.

Eu me viro e fico olhando, incrédulo, para o táxi amarelo que vem desabalado na minha direção.

Vejo claramente o motorista através do para-brisa cada vez mais próximo: um homem de bigode, o pânico cru nos olhos arregalados, preparando-se para o impacto.

No segundo seguinte, minhas mãos estão espalmadas no metal quente e amarelo do capô, o taxista com o corpo para fora da janela, gritando:

— Seu merda, você quase morreu! Olha por onde anda, babaca!

Buzinas começam a berrar atrás do táxi.

Volto para a calçada e acompanho enquanto o tráfego volta a fluir.

Os ocupantes de três carros diferentes fazem a gentileza de reduzir ao passarem, só para me mostrar o dedo do meio.

O Whole Foods tem o mesmo cheiro de uma garota hippie que namorei antes de Daniela: uma mistura de vegetais frescos, café moído e óleos essenciais.

O susto com o táxi abrandou meu ímpeto. Apático e lento, dou uma olhada nos produtos das geladeiras numa espécie de dormência.

De volta à rua, percebo que esfriou, um vento forte soprando do lago — pressagiando o inverno maldito que nos espera logo ali na esquina.

Com a sacola de compras cheia de sorvete, pego um caminho diferente para casa. São seis quarteirões a mais a percorrer, mas o prejuízo de tempo me recompensa em solidão. Depois dos incidentes com o táxi e com Ryan, preciso ficar um pouco sozinho para me recompor.

Passo por um canteiro de obras vazio, claro, pois é noite, e, alguns quarteirões adiante, pela escolinha que meu filho frequentou quando criança. O metal do escorrega reluz sob a lâmpada de um poste e os balanços oscilam de leve ao sabor da brisa.

Essas noites de outono carregam uma energia que desperta algo primal dentro de mim. Algo de muito tempo atrás. Da minha infância em Iowa. Relembro as partidas de futebol americano na escola, a luz forte dos refletores do estádio jorrando sobre os jogadores. Sinto o cheiro das maçãs quase maduras, o azedo da cerveja nas festas que rolavam nos campos de milho. Sinto o vento batendo em meu rosto enquanto cruzo uma estradinha rural à noite

na caçamba de uma velha picape, a terra subindo em redemoinhos vermelhos à luz dos faróis traseiros, toda a extensão da minha vida se espreguiçando lá na frente.

É a grande beleza da juventude.

A ausência de peso que a tudo permeia porque ainda não houve nenhuma escolha errada, nenhum caminho tomado, e a estrada que se bifurca num ponto adiante é cheia de puras e ilimitadas possibilidades.

Eu amo minha vida, mas faz muito, muito tempo que não sinto essa leveza do ser. As noites de outono como a de hoje são o mais próximo que tenho disso.

O frio está começando a clarear minha mente.

Vai ser bom chegar em casa. Podemos acender a lareira. Nunca a acendemos antes do Halloween, mas a temperatura hoje está tão excepcionalmente baixa que, depois de caminhar dois quilômetros nesse vento, tudo o que eu quero é ficar sentado junto à lareira com Daniela, Charlie e uma taça de vinho.

A rua passa por baixo dos trilhos elevados do metrô.

Caminho sob a estrutura de ferro oxidado.

Para mim, o elevado da Linha L personifica Chicago, mais do que a própria silhueta dos prédios no horizonte.

Este é meu trecho preferido do caminho, porque é o trecho de maior silêncio e maior escuridão.

Por enquanto...

Nenhum trem se aproxima.

Nenhum farol de automóvel em nenhuma direção.

Nenhum ruído de bar.

Nada afora o som distante de um avião sobrevoando a cidade, na aproximação final para pousar no O'Hare.

Espere...

Alguém se aproxima — passos na calçada.

Olho para trás.

Uma sombra corre até mim, a distância entre nós se reduzindo a uma velocidade maior que minha rapidez em processar o que está acontecendo.

A primeira coisa que vejo é um rosto.

Branco demais.

Sobrancelhas tão altas e arqueadas que parecem desenhadas.

Lábios vermelhos, franzidos — muito finos, muito perfeitos.
E olhos horripilantes — grandes e pretos, sem pupila nem íris.
A segunda coisa que vejo é o cano de uma arma, a dez centímetros do meu nariz.

Uma voz baixa e áspera surge por trás da máscara de gueixa.

— Vire-se.

Hesito, atordoado.

A arma toca meu rosto.

Eu me viro.

Nem tenho tempo de dizer que minha carteira está no bolso esquerdo do casaco.

— Não quero seu dinheiro. Ande.

Eu ando.

— Mais rápido.

Vou mais rápido.

— O que você quer? — pergunto.

— Calado.

Um trem passa rugindo sobre nossas cabeças. Emergimos da escuridão sob o elevado, meu coração desvairado dentro do peito. Absorvo os arredores com uma súbita e intensa curiosidade. Do outro lado da rua há um condomínio fechado, enquanto este lado compreende uma série de empresas que encerram o expediente às cinco.

Um salão de beleza.

Um escritório de advocacia.

Uma oficina de conserto de eletrodomésticos.

Uma loja de artigos automotivos.

Este bairro é uma cidade fantasma, ninguém na rua.

— Está vendo aquele SUV? — pergunta o homem.

Tem um Lincoln Navigator preto estacionado logo adiante. O controle do carro emite um bipe.

— Vá para o banco do motorista.

— Seja lá o que você esteja pensando em fazer...

— Ou pode ficar aqui e sangrar até morrer.

Abro a porta do lado do motorista e me sento ao volante.

— Minhas compras — digo.

— Pegue. — Ele entra atrás de mim. — Ligue o carro.

Fecho a porta e coloco a sacola do Whole Foods no piso, em frente ao banco do passageiro. Está tão silencioso dentro do carro que chego a ouvir meus batimentos cardíacos. Um pulsar rápido em meus tímpanos.

— O que está esperando? — pergunta o sujeito.

Aciono a ignição.

— Ligue o GPS.

Eu ligo.

— Clique em “últimos destinos”.

Como nunca tive GPS embutido, demoro um pouco para entender como mexer no aparelho.

Surgem três locais.

Um deles é o endereço da minha casa. Outro, a universidade onde trabalho.

— Você andou me seguindo? — pergunto.

— Selecione a Pulaski Drive.

Seleciono Pulaski Drive, 1400, Chicago, Illinois, 60616. Não faço ideia de onde fica isso. A voz eletrônica feminina me instrui: *Pegue o próximo retorno e siga por 1,2 quilômetro.*

Engato a marcha e faço o retorno na rua escura.

— Coloque o cinto — ordena o homem atrás de mim.

Obedeço. Ele também põe o cinto.

— Jason, vamos deixar bem claro o seguinte: se você fizer qualquer coisa que não seja exatamente o que eu digo, eu atiro daqui mesmo. Está me entendendo?

— Sim.

Dirijo pelas ruas do meu bairro, me perguntando se é a última vez que verei tudo isso.

Paro no sinal vermelho diante do meu bar de esquina. Através do insulfilme da janela, vejo que ainda não fechou. Lá estão Matt e, no meio da multidão, Ryan, agora sentado de costas para o balcão, os cotovelos apoiados na madeira arranhada do balcão, o centro das atenções de seus pós-graduandos. Provavelmente, encantando-os com uma assustadora história moralista de fracasso estrelada por seu ex-colega de faculdade.

VOCÊ É FELIZ COM A VIDA QUE TEM?

Essas são as últimas palavras que Jason Dessen ouve antes de acordar num laboratório, preso a uma maca, cercado por estranhos. Antes de um homem sorrir e dizer: “Bem-vindo de volta, meu amigo.” Nesse lugar, Jason ainda é Jason, mas sua vida se foi. Ou talvez sua vida anterior não fosse real, apenas lembranças de um sonho, devaneio. Ele é o professor frustrado ou o cientista brilhante? O homem que se dedicou à família ou o que revolucionou a física? Em que momento sua história tomou uma dessas direções, e qual? Às vezes, a resposta pode estar bem na sua frente. Você pode senti-la, percebê-la, mas jamais provar que ela existe.

Do criador de *Wayward Pines*, *Matéria escura* é um thriller sci-fi de premissa genial e profundamente humano sobre escolhas, caminhos não percorridos e a busca pela vida que queremos.

